

DAS ARCAS DA MEMÓRIA

J. M. Bairrão OLEIRO

*Homenagem a Carlos Alberto Ferreira
de Almeida, um amigo que partiu cedo
demais*

Quando se atinge a idade da reforma pensa-se que, finalmente, vai haver tempo para se organizarem os montes de papéis, de notas, de documentação que reunimos ao longo dos anos. Embora nem sempre seja fácil a tarefa, temos por vezes pequenas alegrias como a redescoberta de apontamentos, relatórios, pareceres, fotografias, que não víamos há anos e de que guardávamos vaga memória. Foi o que aconteceu recentemente com um parecer de 24 de Março de 1966 sobre uns achados numa pedreira de Pardais, Vila Viçosa, em que registei alguns dados que talvez não sejam do domínio público e ainda possam interessar aos investigadores.

Em finais do ano de 1965 deu entrada no Ministério da Educação Nacional, que detinha na altura a tutela da arqueologia, um ofício do Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, que transcrevia uma carta do adjunto do conservador do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança comunicando o aparecimento de dois sarcófagos, possivelmente romanos, talhados num único bloco de mármore, acidentalmente encontrado em trabalhos de exploração de uma pedreira da firma António Matias da Rocha & Irmão, em São Marcos, freguesia de Pardais, concelho de Vila Viçosa. Segundo esse documento os sarcófagos tinham sido descobertos à «profundidade de dois metros e meio, sendo plano o terreno à superfície, e plantado de oliveiras, talvez de séculos, das quais uma assentava mesmo por cima dos ditos».

Tendo sido designado, pela 1ª Subsecção (Arqueologia) da 2ª Secção (Antiguidades e Belas-Artes) da extinta Junta Nacional da Educação, relator do processo, logo no dia seguinte àquele em que este me chegou às mãos me desloquei a Vila Viçosa para colher os elementos necessários à elaboração do parecer. Procurei de imediato o Sr. Gualdino Borrões, adjunto do conservador do Museu-Biblioteca, que me facultou todos os elementos de informação que possuía. Por diligências suas o bloco de már-

more com os dois sarcófagos inacabados encontrava-se já dentro da cerca do castelo de Vila-Viçosa, pois, numa atitude pouco frequente e, por isso mesmo mais louvável, a firma que explorava a pedreira não só não levantou quaisquer dificuldades à retirada do achado, como o oferecera à Fundação da Casa de Bragança (Fig. 1).

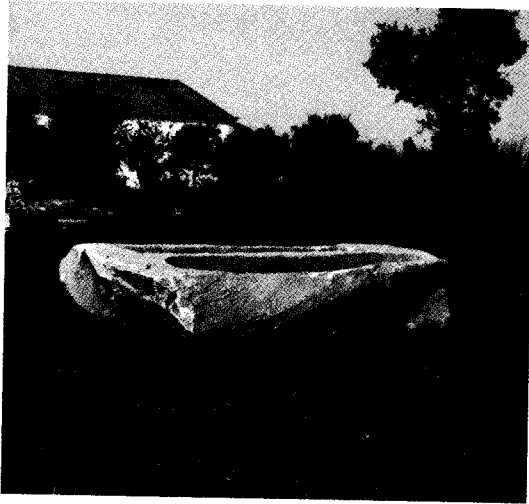


Fig. 1 - Bloco de mármore com dois sarcófagos inacabados. Encontrado em Dezembro de 1965 em S. Marcos, freg. de Pardais e hoje no castelo de Vila Viçosa. Compr. máximo = 2,85 m; larg. máx. = 1,85; alt. média = 0,60 m

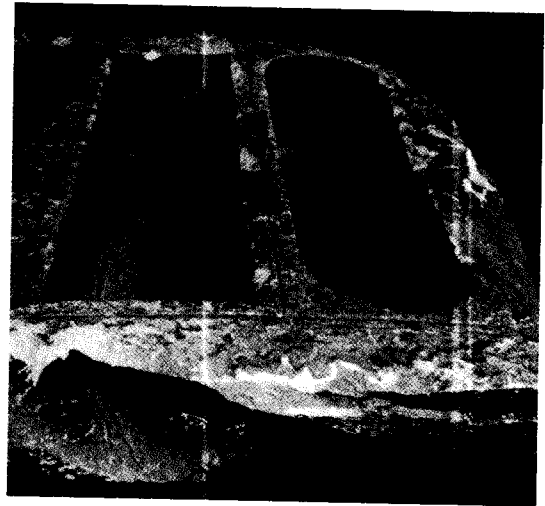


Fig. 2 - Bloco de mármore com dois sarcófagos de diferente tipo, inacabados. Encontrado em Dezembro de 1966 em S. Marcos, freg. de Pardais. Hoje no castelo de Vila Viçosa. Notem-se as linhas horizontais do trabalho de separação e acabamento.

O grande bloco de mármore media: 2,85m. de comprimento máximo, 1,85m. de largura máxima, e 0,60m altura média. Dele se obteriam dois sarcófagos de tipo simples, embora diferentes: um de caixão rectangular, o outro exteriormente idêntico, mas interiormente arredondado nas extremidades (Fig.2). A parte externa deveria ser lisa, até por isso que a pouca espessura das paredes não daria para nelas se lavrarem quaisquer motivos decorativos. Toda a parte interna dos dois sarcófagos havia sido já desbastada e eram claramente visíveis as linhas orientadoras do trabalho de separação e acabamento. Numa das cabeceiras podia mesmo verificar-se que esse trabalho chegou a ser iniciado utilizando uma serra (Fig. 3). As dimensões dos sarcófagos, medidas pelas marcas de corte, eram as seguintes:

- | | |
|---|-------------------------------------|
| - altura interna = 0,53m. | |
| - espessura das paredes laterais = 0,53m. | |
| - caixão rectangular | - caixão de cabeceiras arredondadas |
| comprimento total = 2,18m. | 2,08m. |
| comprimento do vão = 2,05m | 2,05m |
| largura total = 0,66m | 0,62m. |
| largura do vão = 0,52m. | 0,49m. |

Não foram encontrados quaisquer elementos de cobertura dos sarcófagos.

Na visita ao local do achado, em São Marcos, feita com a esperança de que, com o prosseguimento dos trabalhos de exploração da pedreira, tivessem sido recuperados outros materiais que fornecessem contexto arqueológico susceptível de fornecer indicações cronológicas, não teve resultados positivos. A zona em que o bloco fora

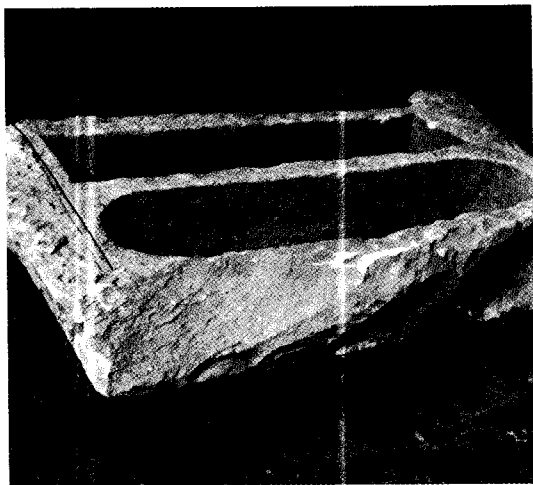


Fig. 3 – Bloco de mármore com dois sarcófagos de diferente tipo, inacabados. Encontrado em Dezembro de 1965 em S. Marcos, freg. de Pardais e hoje no castelo de Vila Viçosa.



Fig. 4 – Casa de Joaquim José Gracias, na Courela da Fonte da Moura, freguesia de Pardais. Degrau corrido com fragmentos de mosaico romano.

encontrado não voltara a ser remexida, nem havia indicações de que mais alguma coisa fora acidentalmente encontrada. Mas era claramente visível em determinado ponto uma extensa linha de entalhes feitos na rocha para introduzir as cunhas destinadas à separação de outros blocos.

A descoberta de este bloco com os dois sarcófagos, certamente inacabados em resultado de inesperadas fracturas que já não permitiriam finalizar a obra em condições, mostra, como Jorge de Alarcão bem assinalou anos mais tarde, que boa parte do trabalho era feito no próprio local¹.

Naturalmente que, no prosseguimento da visita, procurei informar-me sobre outros materiais que tivessem sido encontrados no local da descoberta ou nas suas vizinhanças. Verifiquei que no próprio Museu-Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança, instalado no castelo de Vila Viçosa, existiam peças dadas como provenientes da zona de Pardais: um fuste de coluna, uma base e um capitel; um fragmento de placa de revestimento; e numerosos bocados de um único pavimento de mosaico bicromo cuja composição não oferecia dúvidas. Às faixas brancas de ligação seguia-se uma moldura de peltas com as pontas viradas para o interior e duas faixas negras, enquadrando um padrão contínuo de círculos secantes determinando flores de quatro pétalas, com pequenos trevos ao centro, como motivo de enchimento. Todos estes materiais teriam sido encontrados há cerca de vinte anos, segundo informação verbal dada na altura. Mas, como também me fora dito que numa casa de Pardais existiam outros fragmentos do mosaico acima referido, decidi ir confirmar essa notícia, que era efectivamente exacta. Na Courela da Fonte da Moura, na freguesia de Pardais, a casa térrea do Sr. Joaquim José Gracias, tinha um degrau corrido ao longo de toda a fachada que devia ser único no país (Fig. 4)! Era todo pavimentado com fragmentos de mosaico romano, indubitavelmente do mesmo pavimento a que pertenciam os outros recolhidos no castelo de Vila Viçosa. A parte superior de um pequeno murete junto à entrada também fora decorada da mesma forma. Todos os arqueólogos estão habituados a ver materiais romanos reutilizados das mais diversas maneiras. Mas creio que,

¹ ALARCÃO, Jorge de, *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pp. 135-136

com a natural excepção de colunas e capitéis, raras serão as vezes em que mantêm a função para que foram criados².

Informou-me o proprietário da casa que esse mosaico e muitos outros materiais, incluindo moedas, haviam sido encontrados há anos nas vizinhanças da sua casa, também em consequência de exploração de pedreiras, e que bastantes coisas tinham sido levadas para Lisboa pelo engenheiro estrangeiro que orientava a exploração.

Suponho que seria a esta estação que se referiria o Prof. Manuel Heleno, em 1937, em comunicação apresentada ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, considerando-a como uma villa «com uma sala pavimentada de mosaico de desenho geométrico, canalização de chumbo, colunas de mármore, materiais de construção, espalhados numa área de cerca de um hectare»³.

No parecer que apresentei à Junta Nacional da Educação, em 24 de Março de 1966, propuz, entre outras coisas, que se estudassem com a Fundação da Casa de Bragança as possibilidades de aquisição dos fragmentos de mosaico na posse de Joaquim José Gracias e, se esta se conseguisse, o restauro do pavimento por pessoal especializado e a sua condigna instalação no Museu-Biblioteca. Em 27 de Junho de 1966 o Sr. Gualdino Borrões informava-me que os fragmentos de mosaicos vistos na casa de Joaquim José Gracias já se encontravam expostos no castelo de Vila Viçosa, e que, com eles tinham dado entrada também «uma coluna e uma base de moinho, tudo em mármore, que andavam dispersas pelo terreno junto do local donde o mosaico, há anos, havia sido desenterrado». Não sei se o pavimento já terá sido objecto de trabalhos de conservação, mas, pelo menos, está seguramente mais protegido.

² Um outro caso, também do Alto-Alentejo, é o de um capitel romano que, embora coberto por sucessivas camadas de cal, mantém (pelo menos em 1955 mantinha) a sua original função estrutural e decorativa, numa casa rural da Quinta do Deão, em S. Salvador da Aramenha.

³ *O Arqueólogo Português*, nova série, II. Lisboa, 1953, p. 293.